

IDENTIDADE NEGRA ENTRE OS MUROS DA ESCOLA: O PROCESSO EDUCOMUNICATIVO EM PROL DA CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS DE VIDA DIGITALIZADAS.

Paola Prandini



Jornalista pós-graduada em Gestão da Comunicação e mestre em Ciências da

Comunicação, pela ECA-USP. Diretora da consultoria AfroeducAÇÃO, que atua na interface entre cultura negra e Educomunicação. Sócia-fundadora da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação e integrante dos Núcleos de Comunicação e Educação e de Apoio à Pesquisa em Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro da USP.

Resumo

Este artigo apresenta o processo da pesquisa intitulada *A cor na voz: linguagem e identidade negra em histórias de vida digitalizadas contadas por meio de práticas educacionais*, de nossa autoria, que analisa a produção de sentidos identitários nos discursos produzidos por jovens do Ensino Fundamental II. O principal objetivo da pesquisa foi analisar a construção de identidade negra de um grupo de alunos de uma escola pública situada na periferia da cidade de São Paulo.

Em um país multirracial, majoritariamente negro, discernir e produzir conhecimento sobre identidade é um desafio que se coloca no cotidiano popular e no universo educacional brasileiro. Nesse sentido, a construção da noção de sujeito do estudante negro brasileiro, geralmente presente nas escolas públicas no nível da Educação Básica, infere questões que dialogam com a dificuldade da absorção de qualificações positivas a respeito de si próprio. Por isso, a discussão sobre a subjetividade dessa parcela da população convém ser discutida e analisada. Tratar – de maneira coletiva e positiva – as identidades presentes nas salas de aula e, mais especificamente, a identidade negra é necessidade urgente.

Num sistema educacional, numa escola, numa sala de aula, em que se encontre alguém comprometido com a explicitação e desmoralização de estereótipos; com a alegria das descobertas e a construção efetiva do saber, fora das imposições de lógicas e conteúdos fechados, inodoros,

insípidos... Aí a cultura de consciência negra estará gingando plenamente. Se vai, até onde vai, como vai, são interrogações que se somam a tantas outras, nesse processo de erigir as bases de uma escola/nação/sociedade em que se construa valores de justiça e democracia. E onde, certamente, haverá lugar para a multiplicidade/unicidade da identidade nacional brasileira. (PEREIRA, 2005, p. 47)

Pode-se dizer, conforme Pereira (2005), que instaurar uma cultura de consciência negra na escola depende de uma total perda de conceitos pré-formulados e ultrapassados do papel do educador e de seus educandos. Tornar-se negro no Brasil é um ato doloroso, muitas vezes, encarado como desnecessário (visto a atmosfera simbólica de democracia racial existente no país) e ainda ignorado por muitos brasileiros negros não-declarados.

Ser negro, em nossa sociedade, muitas vezes, é sinônimo de ser pobre, menos inteligente ou incapaz e ainda comparação ao que é feio ou desagradável, conforme experimento realizado com crianças em torno da fase da primeira infância, nos Estados Unidos⁵³. E isso acontece dentro e fora do ambiente escolar.

Nesse sentido, o ato de se re-conhecer é fundamental para negros e não-negros no Brasil. Os primeiros de modo a se defrontarem com as árduas histórias que carregam a partir da história de que fazem parte – a fim de que, a partir deste reconhecimento, possam também valorizar as práticas de seus antepassados e a importância crucial, de cunho social, cultural e político, nos dias de hoje. Já os segundos, a partir de uma perspectiva sócio-histórica de valorização da negritude brasileira, para que tenham como premissa a igualdade de direitos, até então, por muitas vezes, ignorada por uma parcela de brancos brasileiros.

A experiência da relação identidade/alteridade coloca-se com maior intensidade nesse contato família/escola. Para a maioria dos indivíduos, essa é uma das primeiras situações de contato interétnico institucionalizado. Por isso, articular identidade negra e educação corresponde a um processo de reeducação do olhar pedagógico sobre o negro (Gomes, 2002).

Não é fácil construir uma identidade negra positiva convivendo e vivendo num imaginário pedagógico que olha, vê e trata os negros e sua cultura de maneira desigual. Muitas vezes os alunos e as alunas negras são vistos como “excluídos”, como alguém que, devido ao seu meio sociocultural e ao seu pertencimento étnico/racial, já carrega congenitamente alguma

⁵³ Parte desse experimento pode ser assistido em vídeo disponível na Internet, através do link: <<http://www.youtube.com/watch?v=eoEioeFYfeA>>. Acesso em: 19 Jun. 2012.

“dificuldade” de aprendizagem e uma tendência a “desvios” de comportamento, como rebeldia, indisciplina, agressividade e violência. Essas concepções e essas práticas pedagógicas, repletas de valores e representações negativas sobre o negro resultam, muitas vezes, na introjeção do fracasso e na exteriorização do mesmo pelos alunos e alunas, expresso numa relação de animosidade com a escola e com o corpo docente. Diante de uma estrutura e de práticas excludentes não é de se estranhar que muitos alunos e alunas negras introjetem o racismo e o preconceito racial (GOMES, 2002, p. 41-42).

Tal perspectiva configura uma proposta de educação para a alteridade, para a igualdade de dignidade e de oportunidades, uma proposta democrática ampla que, conforme o percurso histórico e as relações culturais estabelecidos em sociedade, trata do desafio de se respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule, mas que ative o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus respectivos contextos, levando em conta o pertencimento a um mesmo grupo etnicorracial.

Nesse sentido, busca-se construir uma escola em que se possibilite ter voz de maneira equânime, para que todos possam falar de si mesmos, de seus interesses, de seus desejos, de seus sonhos, enfim, de suas características identitárias.

Em face disso, este estudo trata da construção da identidade negra de jovens estudantes de uma escola pública situada na periferia de São Paulo, a EMEF Prof^a Nilce Cruz Figueiredo, localizada no bairro de Lauzane Paulista, periferia da zona norte da capital.

Nosso intuito, a priori foi observar como os sentidos identitários são construídos por meio da linguagem verbal e como podem ser traduzidos em linguagem verbovisual, a partir do processo educacional – com a criação de vídeos com as histórias de vida de estudantes da 8^a série D, atualmente considerado 9^o ano do Ensino Fundamental.

A ideia foi motivar os jovens à produção de narrativas a respeito de si próprios, a fim de que construíssem sentidos sobre como compreendem a si mesmos no mundo do qual fazem parte, tendo a possibilidade de trazer à tona as peculiaridades identitárias de cada um, em um processo que permitisse a eles enxergarem-se fora de si mesmos e ainda contarem uma história que, muitas vezes, não é contada, dada a invisibilidade, por exemplo, dos negros brasileiros.

E, para isso, a atividade de se auto-narrar colabora para o estabelecimento do que Bruner (2001) identifica como externalização.

A externalização produz um registro de nossos esforços mentais, um registro que fica “fora de nós”, e não vagamente “na memória”. É algo parecido como produzir um rascunho, um esboço, uma “maquete”. Esse registro prende nossa atenção como algo que, por sua própria conta, precisa de um parágrafo transicional, ou uma perspectiva menos frontal ou uma melhor “introdução”. Esse registro nos liberta, até certo ponto, da tarefa sempre difícil de “pensar sobre nossos próprios pensamentos”, embora frequentemente chegue ao mesmo objetivo (BRUNER, 2001, p. 31).

Bakhtin (2000) compreende esta dependência entre o eu e o outro com base nos conceitos de extraposição e de excedente de visão, que são determinados, por sua vez, em noções de tempo e de espaço na denominada “arena discursiva”: um espaço em que, por meio dos conflitos e da luta discursivos, os indivíduos constroem conhecimento a respeito dos outros e, dessa forma, sobre si próprios.

Nesta pesquisa, foram utilizados os procedimentos educacionais durante todo o processo de busca de dados junto à sala de aula mencionada anteriormente. Tais procedimentos dizem respeito ao estabelecimento de uma cultura de paz em nossa sociedade e traz, como enfoque, a busca pela identidade negra nos discursos produzidos por esses adolescentes.

Para tanto, foram realizadas, durante o primeiro semestre letivo de 2012, rodas de conversa acerca de diferentes temáticas coerentes com a faixa etária da população pesquisada: entre a adolescência e juventude. Essas rodas sempre tinham como base diferentes filmes exibidos ao grupo, em sala de aula.

Além das rodas de conversa, que tiveram a temática racial bastante presente nas discussões do grupo, foi proposto aos estudantes que produzissem suas próprias histórias de vida, de maneira autônoma e partindo de princípios da ética educacional, em que a justiça, a igualdade e o direito à livre expressão prevalecessem, sem determinar, por exemplo, que o posicionamento racial fosse obrigatoriamente aparente nas narrativas criadas pelos alunos.

Ressalta-se que uma pesquisa como esta - que se pauta, principalmente, no estudo da linguagem e, mais especificamente, do discurso - jamais poderia deixar de levar em conta a noção de sujeito e a constituição da subjetividade desses indivíduos. Bakhtin (2000) explica esse processo ao enfatizar que o Eu e o Outro se constituem mutuamente, em uma relação tensa e dinâmica:

(...) Tudo quanto pode nos assegurar um acabamento na consciência de outrem, logo presumido na nossa autoconsciência, perde a faculdade de efetuar nosso acabamento e apenas amplia em nossa consciência a orientação que lhe é própria; ainda que conseguíssemos apreender o todo de nossa consciência, no acabamento que ele adquire no outro, esse todo não poderia impor-se a nós e assegurar nosso próprio acabamento, nossa consciência o registraria e o superaria (...) a última palavra pertencerá sempre à nossa consciência e não à consciência do outro; quanto à nossa consciência, ela nunca dará a si mesma a ordem de seu próprio acabamento. Na vida, depois de vermos a nós mesmos pelos olhos de outro, sempre regressamos a nós mesmos; e o acontecimento último, aquele que nos parece resumir o todo, realiza-se sempre nas categorias de nossa própria vida (Bakhtin, 2000, p. 36-37).

Bakhtin (2000) compreende esta dependência entre o Eu e o Outro com base nos conceitos de extraposição e de excedente de visão, que são determinados, por sua vez, por noções de tempo e de espaço na denominada “arena discursiva”: um espaço em que, por meio da luta e dos conflitos discursivos (e, portanto, concretos), os indivíduos constroem conhecimento a respeito dos outros e sobre si próprios.

Assim, fizemos uso dos procedimentos do chamado *Digital Storytelling* (Lundby, 2008), que aqui chamaremos de processo de histórias digitalizadas, em que o indivíduo é convidado a ser um narrador de sua própria história, a partir de roteiros dialógicos e experiências vivenciadas em primeira pessoa.

Ao nos situarmos em relação ao nosso passado e prevermos ações ou mudanças para o futuro, isso a partir do auto-relato, entendemos melhor a nós mesmos e ainda possibilitamos que a nossa visão extrapole o real, para que possamos criar e supor o que poderia ter acontecido ou o que ainda está por vir – mesmo no que diz respeito à sociedade em que vivemos e a cultura da qual fazemos parte.

Nesse sentido, defendemos o uso da gestão comunicativa (Soares, 2011), ou seja, acreditamos que o planejamento, a execução e a realização dos processos e procedimentos que se articulam no âmbito da Comunicação/Cultura/Educação devem prever a criação de ecossistemas comunicativos (Soares, 2011) nas escolas, ou seja, que sejam estabelecidos ambientes de trocas horizontalizadas, não hierárquicas e, se possível, mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação.

É esta dialogia que evocou a relação entre os três pilares que compõem este artigo: a área da linguagem e da produção de sentido, juntamente com a Educomunicação e a temática da identidade negra. Pode-se dizer, inclusive, que a condição estética de cada uma dessas áreas foi elo para a confecção deste estudo.

A convergência entre os três campos científicos supracitados é resultado de nossa inquietude quanto à necessidade de existirem, dentro e fora do espaço acadêmico, relações diretas e laços efetivos em prol da construção coletiva do conhecimento que não pode ser de outra maneira senão transdisciplinar.

Acreditamos que a execução de práticas em prol da implementação efetiva da já citada Lei Federal nº 10.639/03 nas escolas brasileiras – que estabelece como obrigatória a inclusão de conteúdos acerca da História e Cultura Africana e Afrobrasileira nas escolas dos Ensinos Fundamental e Médio do país – seja essencial para que os alunos negros passem a valorizar a si próprios e as especificidades identitárias históricas que carregam consigo mesmos.

Referências:

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. In: **Revista Aletria**, 2002. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/poslit>>. Acesso em: 01 de março de 2013.
- LUNDBY, Peter. **Digital storytelling, mediatized stories: self-representations in new media**. New York: Peter Lang Publishing, Inc, 2008.
- PEREIRA, Amauri Mendes. Escola: espaço privilegiado para a construção da cultura de consciência negra. In: ROMÃO, Jeruse (org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.